A Universidade e a Crise

Simon Schwartzman

(notas da palestra feita na Semana Acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, setembro de 1983)

Gostaria de me referir a três aspectos da questão do relacionamento entre a universidade e a crise. O primeiro são as relações que existem entre a crise e a universidade. O segundo é sobre algumas formas específicas em que a crise afeta a universidade. O terceiro é específico da universidade de hoje, e que em boa medida existe independentemente da crise pela qual estamos passando.

1. A universidade e a crise: relações gerais.

A crise econômica afeta a universidade como a todos os demais brasileiros, Os salários diminuem em seu valor real, não existem verbas para a manutenção das instalações, e muito menos para novos projetos e iniciativas. Os professores ganham mal e ficam insatisfeitos; pesquisas não podem ser iniciadas ou ficam interrompidas por falta de recursos; as possibilidades de emprego para os formados ficam cada vez menores, enquanto que o custo da educação aumenta, mesmo para os que têm o privilégio de frequentarem escolas públicas. Com isto os professores perdem o estímulo, os alunos perdem a motivação, e a infraestrutura entra em decomposição. O resultado é a combinação de apatia e frustração, que muitas vezes se transforma em revolta: professores fazem greve, alunos fazem greve, todos culpam o governo , a politização da vida universitária aumenta em detrimento de se seu funcionamento normal e quotidiano, que parece ser cada vez mais sem sentido. Há uma esperança de que, com urna politica econômica melhor, com um regime politico mais aberto e democratizado,. haja mais participação, mais recursos, maior liberação de energia e de talento, e que os problemas educacionais encontrem, com a participação de todos, seu encaminhamento adequado.

2 . As formas específicas pelas quais a crise afeta a universidade.

A crise geral afeta a universidade pelo menos de duas formas que são particularmente perversas, urna em relação aos professores e pesquisadores, outra em relação aos alunos.

A construção de um centro de ensino e pesquisa de alta qualidade é um trabalho longo e delicado, que leva anos a fio para se consolidar. Ela requer o recrutamento de pessoas com dedicação e talento, a criação de um determinado espirito de trabalho, de identidade grupal e institucional. Ela requer a cristalização de termas a serem pesquisados e ensinados, o estabelecimento de relações de cooperação e confiança com outros centros de ensino e pesquisa. Ela requer a formação de um sem número de normas não ditas, mas compartidas, que todos aprendem a seguir e que contribuem para a criação de um ambiente universitário adequado . Ela implica, finalmente, a formação de um acervo de bibliotecas, equipamentos, instrumentos e laboratórios que requerem constante cuidado e atualização. Ora, tudo isto, que forma o *tecido social* de urna universidade, e que leva anos para ser desenvolvido pode ser facilmente destruído em uma crise corno a atual, que pode motivar o afastamento de pessoas dotadas de capacidade e liderança, o ceticismo em relação aos valores e normas que dão estímulo e sentido à vida universitária, a rápida obsolescência de bibliotecas e equipamentos, por abandono ou simples falta de atualização. O resultado não é só estagnação e retrocessos temporários: instituições golpeadas em seus aspectos mais centrais podem muitas vezes sobreviver através do tempo, mas adquirir vícios e deformações que

tornam extremamente difícil faze-las voltara uma via de crescimento e desenvolvimento que havia sido abandonada.

Estas deformaç6es podem ser de vários tipos: uma seleção perversa de pessoal que faz com que os melhores saiam e só fiquem os mais medíocres e acomodados, uma preocupação excessiva com a defesa dos interesses corporativos e empregatícios dos professores, funcionários e estudantes, muitas vezes em detrimento de atividades socialmente mais significativas; uma dependência extrema de procedimentos ritualísticos não só na administração, mas também no ensino e na pesquisa, fazendo com que os objetivos destas atividades fiquem cada vez mais distantes e vagos.

Do ponto de vista dos alunos, a crise os atinge em um momento vital de suas vidas, quando teriam condições de ampliar seus horizontes e adquirir uma bagagem de conhecimentos que utilizarão por toda a vida. Quatro anos de crise, com efeitos de muito maior duração no sistema educacional, pode significar gerações e gerações de jovens que passam por universidades desmotivadas, despreparadas, sem rumo. Muitas vezes os próprios jovens são capazes de assumir seu destino em suas próprias mãos, e buscar seus próprios caminhos. Em muitas outras, no entanto, o que fica é uma grande frustração, que muitas vezes se traduz em alta politização - o que não supre o que a universidade não pode dar - ou, o que é pior, em simples cinismo e oportunismo erigidos como princípios de vida.

3. A crise da universidade que existe independentemente da crise geral

Por mais séria que seja a crise geral em que estamos, ela não afetaria a Universidade de forma tão dramática se não houvesse uma crise mais ampla que afeta nosso sistema de ensino superior, que já vem de antes e é possível que continue no futuro, independentemente do que aconteça ã economia. Vejamos alguns aspectos desta crise, que afeta praticamente todas as funções clássicas das universidades em todo o mundo:

a) A universidade está deixando de ser um canal de mobilidade e ascensão social. Por muitos anos, no Brasil como em outras partes, a expansão do sistema universitário foi concomitante à expansão dos centros urbanos, do desenvolvimento da indústria, das grandes burocracias estatais, do comércio, transportes e outras formas de serviço. A universidade funcionava como um mecanismo de seleção - e , em certa medida, de treinamento - para pessoas ocuparem estes lugares. Ainda que se mantivesse, durante todo o tempo, uma alta correlação entre origem anterior e sucesso na carreira universitária e posterior, o fato é que a sociedade se expandia, os empregos aumentavam, haviam oportunidades.

A crise de hoje é que, ao mesmo tempo em que a Universidade atinge grande expansão, democratizando em grande medida as possibilidades de acesso, seu efeito de mobilidade - e, consequentemente, de distribuição de oportunidades - diminui. A consequência é, por um lado, a criação de novos sistemas de estratificação dentro da universidade - através dos centros de pós-graduação e da identificação das escolas de elite – e, por outro, uma certa desmoralização geral de todo o sistema.

b) A universidade não ê mais um centro de formação de elites. No passado, o acesso ã universidade era restrito às classes mais altas, e ela de alguma forma servia para o treinamento de suas elites. Um dos ideais da criação das universidades foi a formação de novas elites, recrutadas não pela origem social de seus membros, mas pela competência e dedicação de seus membros, reveladas pelo desempenho na vida universitária. Este ideal de urna *nova meritocracia* acabou sendo minado pela *especialização* das diferentes profissões, que terminaram com o

tipo de *educação universalista* que era antes proporcionada em pelo menos alguns dos melhores centros universitários . A própria massificação do ensino superior também contribuiu para que esta função clássica fosse em grande parte abandonada.

Há quem não considere isto um mal, e condene corno "elitista" esta preocupação com formação de elites. Quero crer, no entanto, que todas as sociedades necessitam de lugares onde suas elites dirigentes sejam formadas, e que é melhor que isto se faça de forma pública e explicita do que de forma oculta e restrita a um pequeno número de privilegiados .

Tem havido a tendência, nos últimos anos, de se criarem escolas e centros de estudo fora do sistema universitário -junto a alguns ministério, seguindo o exemplo do Itamarati (ESAF, DASP, etc) para cumprir esta função mas a maioria destas tentativas se frustram por razões que lhes são próprias.

c) a Universidade está deixando de ser um centro de formação profissional

Por muitos anos, todo o sistema universitário brasileiro esteve apoiado nas premissas de a universidade proporcionaria um ensino profissional especializado, ao qual corresponderiam privilégios profissionais específicos (direito exclusivo de exercer a profissão) e empregos bem remunerados. O próprio subdesenvolvimento do pais parecia mostrar que a capacidade de absorção de profissionais de nível universitário no mercado de trabalho era praticamente indefinida, ou infinita.

Estas três premissas estão hoje prejudicadas. 1) O contraste entre a *lentidão dos currículos universitários e os requisitos técnicos* da atividade profissional ê crescente, e poucos são os cursos que preparam efetivamente os profissionais para a vida o trabalho . O que prevalece é o treinamento no próprio trabalho, e a *experiência previa* é hoje um requisito indispensável para conseguir-se um emprego; o diploma vale cada vez menos. 2) o monopólio profissional levou ã proliferação das "profissões regulamentadas" , que no Brasil hoje são talvez em mais quantidade do que em qualquer outra parte do mundo. Para as "novas profissões", as regulamentações dificilmente funcionam, e quando o fazem só contribuem para dar privilégios a portadores de diplomas, em detrimento de pessoas de qualificação muitas vezes superior mas sem o papel adequado. É possível dizer que, de uma maneira, geral, este sistema, que teria por objetivo incentivar o ensino superior e, criar mecanismos de auto-regulação para as diversas profissões, terminou em um sistema de privilégios corporativos ou perdeu, simplesmente, a eficácia. 3) Finalmente, os bons empregos e posiç6es sociais de prestigio para oi formados pelas universidades existem cada vez menos. O ideal do "profissional liberal" supõe uma sociedade rica que o sustente e compre seus serviços; mas existem hoje muito mais profissionais vendendo os serviços do que riqueza para comprá-los. A própria competitividade dentro das profissões começa a fazer os preços de serviços até então fixados oligopolisticamente. Além disto, a criação de grandes empresas para a prestação de serviços de nível superior vai transformando os universitários em um exército de trabalhadores de colarinho branco, funcionários , sem o lustro das profissões liberais de antigamente.

d) A função de pesquisa se torna cada vez mais difícil na universidade. Apesar de que a universidade concentra o maior numero de pesquisadores qualificados no pais, a verdade ê que ela tende a ter cada vez maior dificuldade em desempenhar esta função . Primeiro, porque as pesquisas científicas são cada vez mais caras exigem equipamentos complicados, pessoal, etc, e a universidade não tem estes recursos. Segundo porque a profissionalização crescente da atividade de pesquisa tende a tornar o pesquisador um mau professor, e vice-

versa. Terceiro, porque a Universidade quase não tem mecanismos adequados para premiar e fortalecer o pesquisador mais talentoso, e afastar o medíocre e o incompetente. Faltam-lhe padrões de avaliação e mecanismos adequados para colocar estes padrões em ação. Isto, do ponto de vista da pesquisa, é funesto. Quarto, porque, com poucas exceções, as universidades têm muitas dificuldades em estabelecer relações adequadas com o setor produtivo e de serviços, que poderia absorver os resultados mais aplicados de suas pesquisas. Ou ela ê lenta, desinteressada, e não responde de forma adequada às demandas destes setores ou ela se deixa, em alguns casos, transformar em mera prestadora de serviços, perdendo de vista seus objetivos educacionais e formativos de longo prazo.

e) Finalmente, a função de extensão, de serviços prestados à sociedade ambiente, dificilmente ê cumprida na universidade, voltada quase que exclusivamente para seus problemas internos e sua sobrevivência quotidiana, em meio a tantas dificuldades e vicissitudes .

4. Conclusão: existe alguma saída?

Este é um quadro intencionalmente dramático e sem duvida extremo: é claro que existem muitas exceções a tudo o que foi dito aqui. No entanto, eu afirmaria que estas são as tendências mais gerais e dominantes, e que mesmo as exceções tendem frequentemente a ter duração limitada, e voltar a cair na vala comum dos problemas de nosso ensino superior.

Creio que existem duas conclusões mais gerais que podemos chegar a partir daí. A primeira e que os problemas da universidade, e do ensino superior brasileiro, não decorrem exclusivamente da atual crise econômica nem do regime politico em que vivemos. É uma crise que tem raízes profundas na própria concepção que todos temos, ou tínhamos, de nosso sistema universitário, dos objetivos que neles buscamos, e que agora se frustram de maneira tão abrangente .

A segunda, corolário da anterior . e que é indispensável repensar profundamente nosso sistema de ensino superior, a partir de suas premissas mais básicas, e tratar de *revolucioná-lo por dentro* para que ele possa jogar um papel mais decisivo nas transformações que o pais exige - e não esperar, simplesmente, que ele seja transformado *de fora* .

Eu não teria espaço nem condições de apresentar aqui o que seria esta revolução por dentro. O que eu posso, no entanto , é sugerir um cenário do que seria uma universidade bem sucedida em nosso meio. Ela deveria ser uma opção de trabalho e de vida para quem realmente se interessasse pelos estudos e pesquisas de nível superior, sem que a isto correspondessem privilégios de renda especais. Ela deveria ser extremamente zelosa da qualidade de seus professores, alunos, cursos, trabalhos, Ela deveria desistir da pretensão de formar todos os profissionais, de conduzir todas as pesquisas, e voltar-se novamente para um tipo de formação básica, generalista, que formasse pessoas polivalentes e com capacidade de adaptação. Ela deveria combinar uma grande pluralidade de formas de organização administrativa e didática, liberta de currículos mínimos, Conselhos Federais reguladores e privilégios corporativos. Ela deveria permitir ampla circulação de seus professores com o meio industrial, com as agencias governamentais, com os cursos de formação profissional , Ela deveria ser o centro de geração e circulação de ideias, propostas e estilos de trabalho e atuação em todas as áreas da vida púbica. Ela deveria ser possivelmente bem menor do que é hoje.

Talvez o mais importante seja que a universidade deveria deixar de ser a imagem de um *privilégio* - o que, para o bem ou para o mal, ela já deixou de fato de ser - e se transformar simplesmente em uma *opção.* Que os custos de passar por ela - não os custos econômicos, mas os de dedicação, esforço, etc - sejam suficientemente altos para que ela deixe de ser uma simples etapa na vida dos jovens de classe média, ou que a ela aspirem . Que hajam outras opções, igualmente válidas e prestigiadas socialmente, para suas diversas funções. Com isto a universidade deixaria talvez de ter a grande importância que ela aparentemente tem - mas de fato está perdendo - e possa se reencontrar mais adiante, de forma mais modesta, talvez, mas também mais verdadeira.